



Desafios da comunicação de risco em desastres

Ceped / 13 de junho de 2024

Cidades | A professora de Comunicação Ana Karin Nunes analisa como estado e outros agentes devem estabelecer uma produção e circulação de informação confiável para garantir segurança

*Por Ana Karin Nunes

*Foto: Flávio Dutra/JU

Segundo a Organização Mundial da Saúde, a comunicação de riscos é a troca de informações em tempo real, especialmente entre especialistas e pessoas que enfrentam algum tipo de perigo ou ameaça à sobrevivência, saúde ou bem-estar econômico ou social. Essa comunicação tem como objetivo principal permitir que pessoas em risco tomem decisões rápidas, visando à proteção e prevenção. Especificamente no caso de desastres de ordem natural ou tecnológica, a comunicação de risco é um elemento determinante que está presente em todas as fases desses eventos – prevenção, preparação, resposta e reconstrução –, contribuindo diretamente para a gestão de pessoas, processos e sistemas.

Os eventos climáticos extremos que têm atingido o Rio Grande do Sul nos últimos anos, e de forma mais extensa em maio de 2024, trazem a comunicação de risco como pauta na discussão de como a sociedade deveria ser mais bem preparada e orientada para responder rapidamente aos riscos que passam a fazer parte do cotidiano. São esses novos tempos que exigirão um olhar multidisciplinar e integrado para a comunicação de riscos como ciência.

A comunicação de risco é uma via de mão-dupla que depende tanto do que é dito quanto do que é ouvido. A essa equação também se agregam outros fatores como quem diz o que, para quem, por meio de quais canais e com quais objetivos, num ambiente pautado pelas redes sociais digitais e pelos desafios impostos pela desinformação e pela polarização política que marcam o Brasil nos últimos anos.

Assim como a gestão do risco, a sua comunicação envolve múltiplos atores: instituições e figuras públicas, especialistas, mídia e sociedade em geral. A comunicação de risco requer o planejamento antecipado e coordenado de modo a integrar a visão desses segmentos antes, durante e após eventos de desastre.

As instituições públicas precisam ter sistemas de comunicação e informação robustos. Cabe a esse segmento ter corpo técnico capacitado e tecnologia para investigar sobre a percepção de riscos junto à população, gerenciar redes de alertas e fazer com que informações confiáveis cheguem rapidamente ao maior número de pessoas envolvidas em situações de perigo.

O mesmo vale para as figuras públicas, que devem receber capacitação adequada para informar a população e oferecer senso de direção e segurança. Evidentemente, esses processos se iniciam muito antes do evento do desastre em si e passam por políticas públicas e investimentos financeiros permanentes em cultura de prevenção.

Vários estudos no campo da comunicação de risco indicam que uma determinada população deposita níveis diferentes de confiança em canais e fontes de informação durante situações de desastre. Por isso, é importante que se empreguem vários esforços de comunicação, em múltiplas plataformas, visando a circulação ampla de informações.

Contudo, isso também requer um esforço coordenado entre instituições públicas, especialistas, mídia e sociedade, para que se defina o que deve ser dito, de forma a evitar tanto a perda do controle do fluxo dos dados quanto versões diferentes sobre um mesmo assunto que envolva proteção e segurança pessoal. Na fase de prevenção, por exemplo, o foco da comunicação de risco tende a ser de educação e preparação para cenários complexos, enquanto na de resposta, o foco é oferecer orientações claras para que todos se mantenham em segurança.

A Internet e as redes sociais trouxeram a vantagem de fazer a informação circular entre mais pessoas num espaço mais curto de tempo, mas também descentralizaram o domínio em torno da produção de dados. Qualquer pessoa pode emitir opiniões a qualquer momento e ocupar lugar no debate público em torno de um desastre. Mídias sociais, assim como ferramentas de comunicação instantânea, tanto podem auxiliar a distribuir informação técnica relevante quanto desinformação. Portanto, educar a população para diferenciar o que é informação verdadeira e o que é desinformação também é tarefa da comunicação de risco.

A comunicação de risco a ser desenvolvida na busca por uma sociedade mais resiliente e competente na gestão de desastres deve partir de um processo de escuta e entendimento dos múltiplos agentes envolvidos nos riscos, do fortalecimento das estruturas e políticas públicas, do trabalho em rede de múltiplos canais de disseminação de informações, do alinhamento de discursos e ações em torno da gestão dos riscos e do combate à desinformação como prática social.

À universidade cabe um papel de destaque nesse contexto, por meio da formação de profissionais capazes de pensar e gerir a complexa rede envolvida na comunicação de risco, da produção de conhecimento científico e do desenvolvimento de projetos e programas em conjunto com a sociedade.

Ana Karin Nunes é professora e pesquisadora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) e Pesquisadora do CEPED RS.

Semanalmente, integrantes do Centro de Estudos e Pesquisas em Desastres (CEPED RS), órgão vinculado à UFRGS, escrevem sobre a cultura de prevenção contra desastres para a seção Cidades. A curadoria é de Ana Karin Nunes.

:: Posts relacionados



Informar e desinformar durante as enchentes



Iniciativas buscam incentivar a formação para o empreendedorismo e a inovação na Universidade



A crise na cultura em meio à catástrofe climática



Cidades Resilientes como caminho e investimento para mitigar situações de crise

:: ÚLTIMAS



Carta aos leitores | 13.06.24



Conhecimento do português proporciona acolhimento para imigrantes que vivem no Brasil



Movimento de plataformação do trabalho docente



O Direito e a prevenção de desastre ambiental



Atuação do NESA-IPH frente às inundações



A presença negra num bairro riograndino



Carta aos leitores | 06.06.24



A cultura Hip Hop expressa sua coletividade em espaços que demarcam sua presença no RS



Impercepção botânica na política ambiental



Árvores podem aliviar deslizamentos e enchentes

INSTAGRAM

Jornal da Universidade UFRGS
@jornal da universidadeufrgs

Follow

View on Instagram

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE



CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria - 8. andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br